

**Representações contraditórias da diversidade:
o cotidiano escolar de “Malhação - Viva a Diferença”**

*Contradictory representations of diversity:
The school Everyday of “Young Hearts – Embrace Diversity”*

Lílian Wilson TROPIANO¹
Ana Paula BRAGAGLIA²

Resumo

O artigo visa compreender de que maneira a temática da diversidade é abordada no seriado “Malhação – Viva a Diferença”, exibida pela TV Globo, em 2017, no que concerne ao cotidiano escolar. Estariam as diversidades representadas no universo proposto, ou seria uma acomodação do imaginário social dominante para realocar novas formas de representação social em que os preconceitos ganham apenas uma nova estética? Com base nesse olhar, o artigo aborda principalmente discussões sobre poder simbólico, representação e imaginário social, no tocante à representação do cotidiano escolar em “Malhação – Viva a Diferença”. O estudo é baseado nos pressupostos da Análise do Discurso da linha francesa de Charaudeau (2016, 2013).

Palavras-chave: Educação. Representação social. Televisão. Diversidade. Discurso.

Abstract

The article aims to understand how the series "Young Hearts – Embrace Diversity", exhibited by TV Globo in 2017, deal with the theme of diversity on the school life. Would be diversities represented on the proposed universe or would be a form to maintain social imaginary dominant to reallocate new forms of social representation in which prejudices get new aesthetic? Therefore, the article presents mainly a journey to approach concepts of symbolic power, social imaginary, and representation in relation to the representation of school life in " Young Hearts – Embrace Diversity ". The study is based on principles of Discourse Analysis of the French line of Charaudeau (2016, 2013).

Keywords: Education. Social representation. Television. Diversity. Discourse.

¹ Doutoranda de Tecnologias da Comunicação e Informação na Educação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e Mestre em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF).
E-mail: lilianwilsontropiano@edu.ulisboa.pt

² Professora doutora dos Cursos de Graduação em Comunicação Social e Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF). Líder do grupo de pesquisa ESC –Ética na Sociedade de Consumo.
E-mail: apbragaglia@yahoo.com.br

Introdução

“Malhação – Viva a Diferença” foi ao ar no dia 08 de maio de 2017, pela TV Globo. A temporada pretendia, como diz o título, exibir o mundo juvenil dentro do cenário da diversidade. Dado o sucesso de audiência da novela, ela está sendo reexibida em função da pandemia de covid-19, que levou à suspensão das filmagens de novos produtos da emissora de televisão.

A estratégia narrativa utilizada foi interligar cinco jovens mulheres de realidades diferentes que protagonizam suas vivências dentro e fora da escola. Sob um aparente discurso de diversidade, o seriado se reformulou e se adaptou a novos públicos e novas narrativas, assumindo papel importante na grade televisiva da emissora carioca.

Na primeira parte deste artigo, articulamos os conceitos de gênero televisivo (Jost, 2017; Charaudeau, 2013), representação social (Moscovici, 2015) e poder simbólico (Bourdieu, 2007) para entender a construção dessa nova temporada do seriado. Na segunda parte, apresentamos nosso percurso metodológico, em que analisaremos o primeiro mês de exibição do seriado a fim de verificar, nas relações ali apresentadas entre escola pública e privada, representações da diversidade inserida no cotidiano escolar encenado. Para tal, adotamos como método de pesquisa a análise do discurso semiolinguística de Patrick Charaudeau (2016, 2013). Na última parte, apresentamos a análise e discussão dos resultados, em que separamos nos seguintes tópicos:

O objetivo deste artigo é compreender a abordagem da diversidade no seriado “Malhação – Viva a Diferença”, a partir da análise de discurso semiolinguística. Como corpus de pesquisa, analisamos os episódios exibidos no primeiro mês do seriado, aplicando os pressupostos de Patrick Charaudeau (2016, 2013).

1 Linguagens e representações sociais em Malhação

Não é difícil de perceber, como a cultura da televisão no Brasil, em específico da teledramaturgia, está presente na cotidianidade e como o lançamento de uma nova história forja novas práticas nesse movimento do dia a dia. As produções ficcionais de TV como novelas e seriados ganham materialidade no meio social em que são

recorrentes as apropriações, referências e ressignificações. Charaudeau (2013) aborda as produções de ficção da televisão dentro do âmbito dos gêneros do discurso, de modo que é possível fazer um diálogo entre o teórico e o referido tema. O teórico francês também usa o termo “gênero situacional”, por compreender que o discurso é fruto de condições contextuais específicas em que é produzido, não podendo, assim, ser compreendido como algo isolado.

Conforme François Jost (2007) aponta, tais produções extrapolam as práticas dos usos de fala, de expressão de pensamento. Na realidade brasileira, a ficção seriada exibida na TV aberta se enraíza nas formas de consumo, perceptível até nas formas de vestir, por exemplo. As produções da teledramaturgia (as novelas e seriados como *Malhação*) são tecidas no movimento dialógico entre público e trama. Ainda, para o especialista em televisão, esta verossimilhança não é só na representação de parte do real, mas é construída, portanto, dentro da ótica da audiência

De tempos em tempos, o ativismo feminino se faz presente novamente e ganha força num crescente. E é no feminismo que a narrativa de “*Malhação – Viva a Diferença*” também encontra espaço para a identificação do público com as jovens protagonistas, o que pode ser ilustrado, por exemplo, com o fato de a temporada ter obtido, em seu primeiro mês de exibição, a maior pontuação dos últimos 8 anos, chegando a 20 pontos de média em apenas 25 episódios. (PECOLI, 2018)

Como estamos abordando uma narrativa televisiva que tem como público-alvo os jovens, elencaremos pontos de inserção do feminismo na jovem mulher ou aquela com que ela dialoga de alguma forma. Assim, nesse percurso contextual podemos citar algumas questões da tessitura semântica da reinserção da representação da mulher na mídia delineando, resgatando e questionando o seu papel na sociedade.

Antes de abordar as personagens de forma específica e contextualizá-las, levantaremos a reflexão sobre o subtítulo do seriado, já que desde sua origem foram anos sem que lhe fosse atribuído um. Em 2014, o seriado obteve a sua primeira temporada nomeada, a qual foi intitulada “*Sonhos*”. Aqui é interessante trazer a voz de Eco (1991) no que concerne à sua *Obra Aberta*, na qual afirma que, ao atribuir um subtítulo, fecha-se mais a obra, conferindo a ela um eixo temático, que na temporada atual está no campo semântico da diversidade.

Em “*Malhação – Viva a Diferença*”, o subtítulo se apresenta como uma ode à celebração da diferença. Contudo, coloca-se a questão: como se vive A diferença, isto é,

uma única diferença? O nome *per si* não fornece muitas escolhas do ponto de vista da frase. Antes do artigo “A”, o substantivo diferença está no singular, fazendo com que o artigo esteja combinado com ele. Observemos que o artigo tem a função de determinante numa frase, como aponta Azeredo (2008). Essa observação já nos aponta um caminho reflexivo, já que no próprio ato de nomear o mundo diverso não está incluído em um sentido de pluralidade.

A temática da diversidade vem sendo abordada já há um tempo em muitas produções audiovisuais nacionais e internacionais. No Brasil não está sendo diferente, apesar de que, por diversas vezes, a exemplo da publicidade, a representatividade seja confundida com qualquer representação, inclusive as que podem desqualificar esses grupos.

A televisão ainda é uma mídia que está muito ligada aos índices de audiência e muitas vezes, portanto, se limita aos conservadorismos de uma sociedade que quer se ver representada e representar de determinada forma e não de outra. O seriado “Malhação – Viva a Diferença” é um seriado para o público infanto-juvenil (classificação indicativa para maiores de 10 anos), com início previsto às 18h, tendo 30 minutos de duração (alguns episódios possuem menos tempo). Sendo um seriado para essa faixa etária em um canal de TV aberta de uma empresa tradicional como a Rede Globo de Televisão e de público-alvo genérico, não segmentado, poderia trazer limitações e implicações para o canal abordar questões polêmicas de discussão social.

Outro pilar que sustenta nossa abordagem sobre o objeto reside na concepção de representação social, uma das formas de se apreender a realidade circundante. A representação social, conceito amplamente discutido e concebido pelo psicólogo social Serge Moscovici (2015) nos anos 60-70, concebe que o sujeito, o objeto e a sociedade são inseparáveis. Sendo assim, o psicólogo aponta para o tipo de representação que ele visa como seu objeto: “[...] as de nossa sociedade atual, de solo político, científico, humano, que nem sempre tem tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis.” (MOSCOVICI, 2015, p. 48). Portanto, entende-se que as representações sociais são conformadoras de um universo de opiniões possuindo a função de tornar aquilo que não é familiar em algo familiar.

A partir da denominação de poder simbólico de Pierre Bourdieu (2007), entendemos que há forças invisíveis que atuam no campo cultural ressignificando as representações. Diante disso, algumas questões precisam ser colocadas como norte desta

reflexão: O espaço escolar na narrativa de “Malhação – Viva a Diferença” se apresenta dentro da ótica da diversidade, que tipo de diversidade é essa e tal representação é realmente contra-hegemônica e, portanto, representativa das maiorias minorizadas? A hipótese que se propõe é: a temática da diversidade estaria nos capítulos analisados refletindo mais o imaginário social dominante, em que os velhos preconceitos ganham apenas uma nova estética mais palatável aos novos tempos de abertura da estrutura dos espaços sociais.

Em “Malhação – Viva a Diferença”, é feita uma representação social da escola, tanto a pública quanto a privada. Mais especificamente, observamos que há uma representação de polarização em relação ao ambiente escolar entre a pública e a privada. São movimentados os universos de opiniões que conformam a representação social do que é uma escola pública e do que é uma escola privada. A ligação entre esses dois mundos se faz apenas pela amizade entre as cinco jovens, a qual nasceu em uma situação providencial de adversidade (um parto de uma delas em um vagão do metrô).

2 Percorso metodológico

Como na abordagem de Candau (2000), o ambiente educativo e suas ações não se restringem apenas a uma relação aluno/professor, mas a uma integração entre todos os envolvidos no processo pedagógico, direta e indiretamente. Portanto, as cenas que foram analisadas neste estudo são aquelas que representam esse cenário na escola.

De 213 episódios da temporada, optou-se como primeiro recorte focar a análise nas produções do primeiro mês, época em que costuma haver intensa carga narrativa em uma novela. Desses, foram selecionados para análise oito (8) episódios que tinham como espaço principal da narrativa e eixo discursivo o cotidiano escolar (cada um tendo 30 minutos de duração além de abertura e comerciais).

Observamos que há uma polarização entre ambiente escolar público e o privado. A ligação entre esses dois mundos se dá apenas pela amizade das meninas, que nasceu em uma situação adversa. Para efeito de recorte, analisamos, então, as representações de diversidade justamente nas cenas em que as personagens estão inseridas no ambiente escolar.

Um de nossos aportes basilares neste trabalho é a semiolinguística, que se debruça sobre o viés da discursividade por meio da linguagem em um sentido mais

amplo. O ponto de vista aqui adotado para linguagem é o de sistema de signos que se relaciona com a capacidade humana de expressão.

Concebendo o sujeito, objeto e sociedade como inseparáveis, não seria possível fazer uma análise que não levasse em conta que a produção está imbuída nessa tríade. Portanto, segundo esta linha de compreensão adotaremos a perspectiva discursiva da Teoria semiolinguística. Essa teoria da Análise do Discurso foi concebida por volta dos anos 80 com trabalhos do linguista francês Patrick Charaudeau. Nesta abordagem, Charaudeau (2013) coloca o foco nos sujeitos do discurso, visando as intencionalidades.

Os gêneros discursivos são formas de expressão e as mídias possuem os seus próprios gêneros. Assim, a televisão possui os seus gêneros. No caso do recorte deste trabalho, tem-se o gênero “ficção seriada”. Consideramos *Malhação* um seriado por ser um programa exibido desde 1995, estando em sua 25ª temporada e por ter uma duração de emissão menor que a de uma novela. Como nos aponta Jost (2007), a linguagem televisiva é própria desta mídia, mesmo que se aproxime do cinema e do teatro. A televisão possui uma grade de programação que faz parte de um todo que lhe confere identidade numa empresa de comunicação. Além disso, está próxima do seu público em sua cotidianidade, pois está nos lares, gerando intimidade, pelo seu conteúdo e por sua presença. Hoje ela chega até a estar em convergência com outros meios móveis, como os *smartphones* e *tablets*, como é o caso do aplicativo *GloboPlay*, possibilitando tanto ao telespectador ver a emissora em qualquer lugar como acessar seus conteúdos fora da programação preestabelecida.

O conteúdo do que passa num seriado de televisão movimenta vários sentidos que não só os intrínsecos ao que se passa naquele momento da emissão, gerando assim uma rede de significação. Portanto, para o entendimento global de uma enunciação, são movidos saberes que estão na linguagem produzida no momento e aqueles que estão fora dela, mas que se conectam dentro de uma esfera de sentido. Ou seja, há um saber implícito e um explícito. (CHARAUDEAU, 2013)

Dessa forma, o discurso dentro da concepção semiolinguística não se realiza apenas pelo signo, ele é uma porta de entrada, já que carrega em si apenas o indício do seu significado pleno. Assim, linguagem e sociedade se relacionam e a enunciação é vista em um lugar social específico, no qual os participantes da troca linguageira utilizam estratégias para representar o mundo dentro de suas intencionalidades.

3 Análise e discussão dos resultados

3.1 O discurso aparente de diversidade no cotidiano escolar

Dentro da obra analisada – “Malhação. Viva a Diferença” – é possível verificar as simbolizações que em atividades seriais conferem produção de significações para a construção do discurso. Por exemplo, já na abertura, a vinheta aponta para se constituir enquanto uma Ode ao mundo da diversidade, assim como toda a construção da identidade visual do seriado. Para agregar este valor na constituição do logo da novela foi utilizado o sinal matemático de diferença (\neq), que substitui o ‘F’ da palavra diferença, agregando, assim, mais um signo que remete à diversidade. Também há a mudança na cor do logo para laranja, rosa, verde, vermelho, amarelo, repetindo esse processo várias vezes para se conectar ao sentido proposto. As cores se ligam diretamente à letra da música de abertura, uma versão de “Bate Poeira” da cantora Karol Conka, de onde se extrai o seguinte trecho: “Negro, branco, rico, pobre / O sangue é da mesma cor / Somos todos iguais / Sentimos calor, alegria e dor”.

Frisamos aqui o contextual da escolha da intérprete para a vinheta de abertura, a Karol Conka, pois se trata de uma mulher *rapper* negra que em suas letras traz engajamento étnico e social, demarcando assim um território semântico e construindo para o telespectador um caminho de reconstrução de sentidos. Isso se liga diretamente à fala de Charaudeau (2013, p. 42) de que “todo o discurso antes de representar o mundo, representa uma relação”.

Figura 1 –Abertura do seriado



Fonte: MALHAÇÃO, 2017.

Durante a abertura da série, há cenas de São Paulo com sobreposição de imagens, como as inseridas a seguir, que conformam a rede discursiva do sentido de diversidade (surgem imagens de uma mulher oriental e outra negra, por exemplo). O espaço da narrativa também é importante, pois pela primeira vez o seriado se localiza nessa cidade, que, como as mais diversas megalópoles, carrega em seu imaginário características de cosmopolita e de um amálgama de diferenças.

Figura 2 – Representação da diversidade étnica – oriental



Fonte: MALHAÇÃO, 2017.

Figura 3 – Representação da diversidade étnica – negra



Fonte: MALHAÇÃO, 2017.

A emissão da televisão não é uma transmissão do audiovisual esvaziado daquele que está no ponto de vista da recepção, pois existe um processamento dentro de um espaço temporal e social que fará com que o sujeito faça uma reconstituição de sentido, momento em que ele pode agir sobre o conteúdo recebido. Contudo, há a intencionalidade do ponto de vista da produção para se criar um campo simbólico. Não à toa o fato de que a intérprete da vinheta também seja garota propaganda da marca Avon, empresa que tem como público-alvo as mulheres, que formam grande parte da audiência do programa. Da mesma forma, não é por acaso que, durante o intervalo dos episódios, há por muitas vezes a inserção da propaganda da Avon protagonizada por Karol Conka, compositora e intérprete da música de abertura.

Todo ato linguageiro, seja uma conversa ou a produção de um roteiro de seriado, possui uma intencionalidade. Ou seja, quem fala/escreve, para quem fala/escreve e o porquê se fala/escreve estão por trás de cada construção de sentido. Esse ato de comunicação ocorre dentro do circunstancial – o onde e como se fala/escreve. Por conseguinte, estabelece-se o contrato de comunicação. Enfim, mesmo em uma conversa

espontânea, é traçado cognitivamente pelo locutor uma tática para alcançar os seus objetivos de comunicação. (CHARAUDEAU, 2013)

3.2 A conexão que diminui a diferença

Na seção anterior do artigo, abordamos que, por meio dos signos organizados, foi formada uma rede de sentido que nos aponta para a intencionalidade implícita e explícita de enunciação do seriado: um brinde a diversidade. É essa a razão para a inclusão de personagens de realidades diversas, que se ligam por uma situação chave da narrativa, a qual, assim como os espaços que frequentam, gera um todo contextual em torno da temática da diversidade. A situação chave que une as personagens é o nascimento do filho de Keyla no vagão do metrô, que, por mal funcionamento, para com elas dentro. A partir daí, esta ocasião única as faz manter contato.

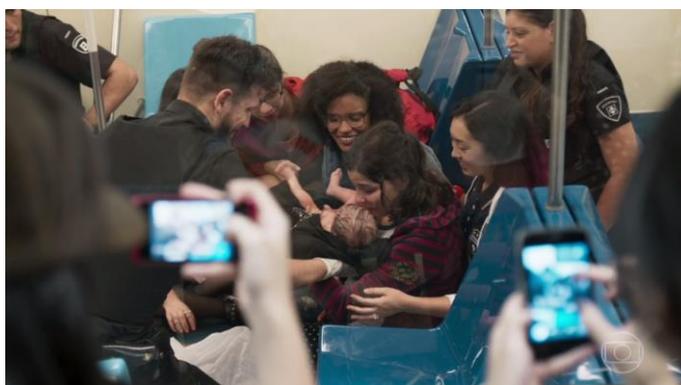
As cinco meninas também estão ligadas pelo ambiente escolar que frequentam: são duas escolas próximas, no sentido espacial, em que as personagens estão distribuídas. Na Escola Estadual Cora Coralina estão as seguintes personagens: Keyla, aquela que teve o parto do filho no metrô – também filha de um ex-cantor dono de um bar; Benê, filha da zeladora da escola, que é autista e mora na escola; e Ellen, negra e moradora de uma favela, filha de enfermeira, sabe muito sobre Tecnologia da Informação e usa na rede o *nickname Lady Killer*. Já no Colégio Grupo, escola privada, estão as personagens: Tina, uma menina oriental cuja mãe é médica e responsável pelo Conselho de Pais da escola; Lica, filha do diretor e dono da escola, cuja mãe é de uma família tradicional paulistana.

Neste primeiro mês de exibição, observamos que uma das temáticas em pauta foi a conexão pela internet, por via de aparato tecnológico como *smartphones*, *tablets* e computadores. Essa temática auxiliou a conectar as duas realidades díspares – a das escolas públicas e a das escolas privadas – passando o sentido de que a web seria um espaço em que todos podem participar e compartilhar dos mesmos conteúdos, independente dos espaços por onde circulam.

No primeiro capítulo, notamos que não há a presença do ambiente escolar físico, contudo analisamos no que concerne à perspectiva de comunidade escolar. Este se desdobra fora do ambiente da escola: no lar, nos locais onde os alunos frequentam, no transporte utilizado para chegar até a escola – elementos que fazem parte do cotidiano

escolar, segundo Candau (2000). Tais equipamentos foram representados e intensificados, já que as escolas estão próximas e, portanto, os ambientes do entorno são utilizados pelos alunos de ambas as escolas, sendo um cenário comum aos núcleos. Assim, o encontro das personagens ocorre no metrô, sendo o elemento complicador que dá força motriz à história. Fica clara a representação do cotidiano escolar que engloba não só o ambiente escolar, quando o metrô volta a funcionar e chega na estação Vila Mariana: lá se situam outros alunos de ambas as escolas, que estão na plataforma e presenciam a chegada das meninas já com o recém-nascido, enquanto chega uma equipe de segurança para o vagão.

Figura 4 – Capítulo 1 (min. 21:52)



Fonte: MALHAÇÃO, 2017.

Nas cenas das figuras 4 e 5 temos um indicativo que nos aponta para a observação que fizemos sobre a tecnologia de comunicação e informação como plano de fundo temático. O jovem é conectado, está na rede, conecta-se em rede. Da mesma forma, a personagem Ellen aparece em outras cenas portando um notebook, consegue entrar na rede de *wi-fi* do metrô e conectar o celular à internet. Com isso, a personagem Tina pode ligar para sua mãe que é médica, a qual passa às jovens os procedimentos do parto. Também é por meio dos aparatos tecnológicos, como rádio, televisão e principalmente pela internet – via celular e aplicativo de mensagens –, que a notícia do parto do bebê de Keyla se difunde. Este é o segundo capítulo em predominância construído por meio da utilização de uma metalinguagem midiática – já que a própria mídia se autorreferencia intratextualmente durante as cenas, tecendo o episódio.

Figura 5 – Capítulo 2 (min. 0:58)



Fonte: MALHAÇÃO, 2017.

Nota-se que os meios de comunicação são mais que meros instrumentos, eles ganham foco narrativo por serem engendrados na trama ao sentido essencial deles no mundo contemporâneo: conexão de pessoas e encurtamento das distâncias. Em se tratando de uma obra de ficção da televisão do maior grupo empresarial de comunicação do Brasil, observamos a consolidação do chamado poder simbólico de Bourdieu (2007). Este é mais um sentido explícito possível de se extrair daquilo que não foi dito, nem por palavras e nem por imagens, mais que está no semiolinguístico – o da naturalização, entre os personagens de ambas as escolas –, da importância das mídias na vida dos sujeitos.

3.3 Diversidade polarizada: público *versus* privado

Na análise de alguns trechos dialógicos colocados abaixo, conseguimos observar que as escolas são polarizadas e que os alunos das escolas não interagem (capítulo 2 Min. 1:40 e capítulo 2 Min. 1:47, esse último tendo como cenário a escola Grupo – privada):

Josefina - Dona Dora, você não sabe o que acabou de acontecer? Tava ouvindo aqui na rádio que...

Dona Dora – Eu tô lendo aqui, Josefina. Onde será que essas meninas estão?

Dona Dora pega o celular e faz uma ligação:

Dona Dora – Alô, Boris? Boris, você viu a notícia?

Boris – Eu vi, eu vi. Uma aluna minha deu à luz no metrô.

Dora – Não, não. São suas alunas junto com minhas alunas. Elas fizeram um parto de uma aluna minha. Entendeu?

Boris – Entendi. As alunas da sua escola ficaram amigas das alunas da minha escola. Isso é maravilhoso, meu amor! Até que enfim nosso sonho está se realizando, não é?

Dora – Não, Boris... Eu não sei se elas ficaram amigas. E eu também não sei se elas estão bem. Eu estou te ligando para saber se você tem alguma notícia.

(MALHAÇÃO, 2017, transcrição nossa)

A diretora da Escola Estadual Cora Coralina, Dora, é namorada do orientador pedagógico do colégio particular Grupo, o que faz uma conexão entre os dois universos. Os alunos da escola particular são de outro grupo social demonstram não compartilhar do universo da escola pública, ocorrendo o oposto, também. Esse cenário começa, aos poucos, a mudar com a ligação das personagens na trama.

A composição do conjunto geral de cenas auxilia, também, a evidenciar a realidade contrastante das escolas: são alternadas cenas do que ocorre em uma escola e o que ocorre em outra e muitas vezes o assunto não é da mesma temática, configurando-se como uma trama paralela. Isso demonstra um funcionamento diferente da escola de iniciativa privada em relação à pública e vice-versa. Há, também, uma série de referências, implícitas ou explícitas, de que a escola pública seria de menor qualidade que a escola particular, como é evidenciado na sequência dialógica abaixo destacada, especialmente nos termos por nós grifados (capítulo 18, exibido no dia 31/05/17; min. 3:43 – Cena na Biblioteca Escola Estadual Cora Coralina):

Doris – Biblioteca lotada hein Ellen? Poderosa você.

Ellen – Um dia você diz que eu sou perigosa, no outro eu virei poderosa. Decide, Doris! O que que eu sou?

Doris – Você é uma boa menina, mas estava usando seus conhecimentos de forma equivocada. Eu vim aqui para dizer que eu falei com Boris, meu marido. Eu falei que você criou um catálogo online dos nossos livros, ele quer vir aqui ter inspiração para fazer a mesma coisa na biblioteca de onde ele trabalha.

Ellen – Jura?!

Doris – Juro. Viramos referência, Ellen. Logo nós com tão pouca verba.

[Min. 4:37] Cena na sala do diretor (Edgar) do Colégio Grupo:

Boris – Você está por fora (ele se levanta também).

Edgar – Eu não sabia que essa confusão toda ia acabar com a amizade entre as meninas.

Boris – Eu posso justamente convencer as duas a se unir contra você.

Edgar – (Riso irônico) Se você quiser perder seu emprego.

---- Toca o telefone de Boris ----

Boris – Ah! É a Doris. Eu combinei de passar na escola dela para ver o trabalho que os alunos estão fazendo na biblioteca.

Edgar – (Risos) E escola pública tem lá biblioteca, Boris?

(MALHAÇÃO, 2017, transcrição nossa)

Também na estética, percebe-se tais diferenças. Ao prédio público, cabe a depredação, o estado de sucateamento, enquanto ao particular, paredes bem pintadas, arborização. Enquanto representa-se parte de uma realidade, no todo discursivo a escola pública é representada como um lugar de conflito, do pobre e dos marginalizados. Os figurantes da escola privada são brancos, já na escola pública são diferenciados pelo colorismo e por estereótipos, como o de “funkeira”, assim como um ou outro figurante negro é posicionado de plano de fundo em situações específicas. Muitas são as cenas de conflito no pátio da Escola Estadual Cora Coralina em que as funkeiras estão envolvidas.

Figura 6 – Escola públicas vs privada



Fonte: MALHAÇÃO, 2017.

Sabe-se que uma das maneiras de elaboração de um personagem que vem desde as tragédias gregas é a de que todo personagem precisa ter um traço que o confira identidade, já que esse traço gera também aproximação junto ao público. No entanto, problematiza-se aqui a escolha tipificada das personagens e seu engendramento nesse universo conectado que converge com a diversidade. Por que a única negra protagonista é da periferia e estudante da escola pública? Assim como a diretora da escola pública é negra.

A personagem Benê, que aparenta ter autismo – ou uma síndrome que tenha semelhanças à essa –, também é da escola pública. Já Keyla, a personagem jovem grávida é outra personagem de risco social pertencente a escola pública, sendo seu pai

um dono de bar. Cabe ao núcleo da escola particular uma polarização étnica a partir de Tina – oriental filha de família de imigrantes japoneses que possui um alto padrão de vida, pois sua mãe é médica e seu pai dono de restaurante. Por sua vez, a “patricinha” do quinteto (adjetivo usado por algumas personagens para se referir à Lica) é herdeira do Colégio Grupo.

Essas escolhas de significações para personagens partem, inclusive, do imaginário social dos sujeitos. Moraes (2009) adota a postura conceitual de imaginário social a partir de Chauí, entendendo que ele é composto por um corpo de representações e de normas. Tais símbolos e significações representacionais estão em movimento, porém não se formam e nem se modificam com tanta rapidez. E tais imagens do imaginário social acionam em uma cultura a memória afetiva dos símbolos, que estão dispostos em uma relação de poder. Nesse sentido, também ideologias são extraídas do imaginário social, assim como do discurso que é perpassado e conformado por ideologias. Por conseguinte, o imaginário social não só se adequa a tipificação dos personagens e dos espaços, mas influencia modos de viver e ver o mundo. (MORAES, 2009)

No produto midiático analisado, a relação de poder e de dominação fica evidente, quando se colocam polarizados a escola pública e privada e a distribuição dos tipos dos personagens nesses espaços. Isso vai desde o tom da pele, passa pela a escolha das vestimentas, chegando ao local de moradia das protagonistas.

Há, ainda, uma série de vocábulos usados pelo núcleo da escola pública e uma outra pelo da escola privada. Por exemplo, nos diálogos dos alunos da escola privada, encontramos mais estrangeirismos, já no núcleo da escola pública encontramos vocábulos vindos da gíria de periferia.

Diante dessas aparentes rupturas, ou seja, de representações de diversidade que, na verdade, continuam reproduzindo um cenário hegemônico não plural, nota-se que as novas tecnologias de comunicação e informação (NTICs) parecem ser colocadas na narrativa como um elemento que conforma o discurso da diversidade. Nesse sentido, as NTICs podem ser entendidas como uma alegoria, representando um portal que conectaria os dois mundos distintos (de classes sociais distintas e outras diferenças), conferindo uma (ilusão de) equidade aos seus usuários, já que a informação chegaria para todos. O discurso de diversidade se nota também no fato de ser Ellen, a personagem negra e moradora de uma favela, a protagonista que se destaca por usar

tablets, smartphones entre outras novas tecnologias. Mas a ruptura com o cenário desigual perde muita potência quando se nota que justo a menina negra, favelada, pobre, apesar de muito “conectada”, tal qual os brancos e de classe média, não ganha tanto foco no enredo quanto as próprias NTICs. Portanto, a tecnologia acaba auxiliando para se acomodarem as diferenças que se quer mostrar como superáveis.

Outras análises a serem colocadas aqui se referem ao (aparente) discurso de diversidade construído a partir tanto da inserção de uma personagem oriental, quanto da forma como a escola como um todo e a personagem de classe mais alta foi representada.

O oriental ser bem-sucedido e dotado de inteligência é um dos imaginários circundantes em nossa sociedade e foi esta a tipificação escolhida para Tina, que vem de família de imigrantes japoneses. Da mesma forma, não remete a uma representação diversa a filha de “rico” ter chilikques desmedidos.

A trama, além disso, deixa implícito o discurso hegemônico de escola meritocrática como ideal de instituição de ensino. Afinal, o talento é vindo ali de um inatismo: Ellen é inteligente – estado intrínseco, não cabendo, portanto, à construção de oportunidades pelo Estado e por outros agentes sociais – e, por ser boa com computadores em razão dessa inteligência inata e por seu próprio esforço, é recompensada com um estágio na escola particular e com boas notas diante de sua dedicação individual à aplicar as tecnologias nos trabalhos escolares.

Também reflete essa contradição, a ausência de negros no núcleo de atores principais da escola particular, o que apontaria, de fato para um posicionamento de representação da diversidade. Afinal, a associação de negros e pobres à escola pública demonstra o pensamento trivial, de senso comum, que precisa ser transgredido, pois mesmo que seja uma realidade possível não é a única. Da mesma forma, a visão não-plural estereotipada e preconceituosa de que o negro só pode ser pobre ou não ser inteligente é transmitida também pela estética e pelo tom do discurso (de lamento) utilizados para se referir à escola pública, que conferem a ela um *status* de lugar de menor prestígio e de sucateamento.

Considerações finais

A partir do estudo aqui apresentado, observou-se que o discurso de diversidade em “Malhação – Viva a Diferença” é um discurso aparente. Nítidas contradições foram

encontradas em relação à diversidade, contradições, estas, típicas de um produto de indústria cultural voltado à assimilação rápida das massas com intenção primordial de alcançar ampla audiência para atingir altas cifras.

Abordamos um tipo de linguagem que é típica da cultura brasileira: a televisiva e a ficção seriada via língua portuguesa. Portanto, revela-se nessa linguagem indícios de representação social, bem como o posicionamento ideológico do produtor dessa linguagem. Tanto o rico quanto o pobre são tipificados na narrativa, algo comum em construção de histórias. Entretanto, as escolhas ao tipificar é que diferenciam um posicionamento hegemônico, de elite em detrimento a outro, atrelado de fato à diversidade.

A associação da escola pública a um espaço deficiente contribui para o atravessamento de sentidos que culmina na ideia conservadora de que, às minorias sociais, caberiam comportamentos, ações e ambientes de menor prestígio.

Com essa construção estereotípica, por mais enfática que seja a promessa contraestereotípica, o que brinda às diferenças se contradiz. É por essa razão que, por exemplo, faz-se necessário o uso de outros elementos como a estética “descolada”, colorida, assim como a moderna e supostamente democrática conexão à internet para se transmitir a ideia de diversidade.

Assim, quanto ao seu primeiro mês de exibição, tendo-se em vista principalmente as escolhas das personagens e a disposição delas no espaço escolar, não observamos na temporada a ruptura de um imaginário social pouco plural, mas, sim, outro produto midiático que reafirma as representações sociais hegemônicas e excludentes da sociedade.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar escola**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MALHAÇÃO: Viva a Diferença. Criação: Cao Hamburger. Direção: Paulo Silvestrini. Rio de Janeiro: Globo, 2017. 213 episódios de 30 min.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

MORAES, Dênis de. **A batalha da mídia**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

PECOLI, Vitor. **Malhação: Viva a Diferença** chega ao fim com maior ibope desde 2009; confira os consolidados desta segunda-feira. TV Foco, 2018. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/malhacao-viva-a-diferenca-chega-ao-fim-com-maior-ibope-desde-2009-confira-os-consolidados-desta-segunda-feira-05-03-18/>. Acesso em: 12 nov. 2018.